

O nosso proceder na *casa comum*

O Papa Francisco, imensamente preocupado com o que está a acontecer à nossa “casa comum”, como ele designa o planeta azul, começa a encíclica *Laudato si'* por a comparar, a partir do cântico de S. Francisco de Assis, a uma irmã e a uma boa mãe que clama contra o mau uso e “abuso dos bens que Deus nela colocou”. É da responsabilidade de todos nós como cristãos conhecermos esta Encíclica que nos chama a atenção para o grave dever de alterarmos o nosso modo de proceder.

A Encíclica é atravessada por alguns eixos temáticos que analisados por perspetivas diferentes lhe dão uma forte unidade (LS, 16). Vou tratar cada um destes eixos temáticos fazendo citações que se referem a cada um destes pontos.

A relação íntima entre os pobres e a fragilidade do Planeta

Tanto a experiência comum da vida quotidiana como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres. (LS, 48)

Por exemplo, as mudanças climáticas dão origem a migrações de animais e vegetais que nem sempre conseguem adaptar-se; e isto, por sua vez, afeta os recursos produtivos dos mais pobres, que são forçados também a emigrar, com grande incerteza quanto ao futuro da sua vida e dos seus filhos. É trágico o aumento de emigrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental, que, não sendo reconhecidos como refugiados nas convenções internacionais, carregam o peso da sua vida abandonada sem qualquer tutela normativa. (LS, 25)

→ Tenho consciência de que os mais prejudicados com a degradação do clima são os pobres?

A convicção de que tudo está estreitamente ligado no mundo

Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros. Cada território detém uma parte da responsabilidade no cuidado desta família [...]. (LS, 42)

→ Sou consciente do cuidado a ter com todas as criaturas porque todas fazem parte da família a que também pertencemos?

A crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia

Não é conveniente para os habitantes deste planeta viverem cada vez mais submersos em cimento, asfalto, vidro e metais, privados do contacto físico com a natureza. (LS, 44)

Entre os componentes sociais da mudança global, incluem-se os efeitos laborais de algumas inovações tecnológicas, a exclusão social, a desigualdade no fornecimento e consumo de energia e de outros serviços, a fragmentação social, o aumento da violência e o aparecimento de novas formas de agressividade social, o narcotráfico e o consumo crescente de drogas entre os mais jovens e a perda de identidade. São alguns sinais, entre outros, que mostram como o crescimento nos últimos dois séculos não significou, em todos os seus aspetos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria de qualidade de vida. (LS, 46)

→ Com que espírito acolho as novidades técnicas?

O convite a procurar outras maneiras de entender a economia e progresso

Todavia, é possível voltar a ampliar o olhar, e a liberdade humana é capaz de limitar a técnica, orientá-la e colocá-la ao serviço de outro tipo de progresso, mais saudável, mais humano, mais social, mais integral. De facto, verifica-se a libertação do paradigma tecnocrático nalgumas ocasiões. Por exemplo, quando comunidades de pequenos produtores optam por sistemas de produção menos poluentes, defendendo um modelo não consumista de vida, alegria e convivência. (LS, 112)

O que está a acontecer põe-nos perante a urgência de avançar numa corajosa revolução cultural. [...] Ninguém quer o regresso à Idade da Pedra, mas é indispensável abrandar a marcha para olhar a realidade de outra forma, recolher os avanços positivos e sustentáveis e ao mesmo tempo recuperar os valores e os grandes objetivos arrasados por uma megalomania desenfreada. (LS, 114)

→ Procuo colaborar com as formas mais humanas de entender o progresso?

O valor próprio de cada criatura

A falta de preocupação em medir os danos causados à natureza e o impacto ambiental das decisões é apenas o reflexo evidente do desinteresse em reconhecer a mensagem que a natureza traz inscrita nas suas próprias estruturas. Quando, na própria realidade, não se reconhece a importância

de um pobre, de um embrião humano, de uma pessoa com deficiência – só para dar alguns exemplos –, dificilmente se saberá escutar os gritos da própria natureza. Tudo está interligado. (LS, 117)

↳ Estou mesmo convencido de que tudo está interligado no mundo?

O sentido humano da ecologia

Esta situação leva-nos a uma esquizofrenia permanente, que se estende da exaltação tecnocrática, que não reconhece aos outros seres um valor próprio, até à reação de negar qualquer valor peculiar ao ser humano. (...) Não haverá uma nova relação com a natureza sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia. (LS, 118)

Com efeito, não se pode propor uma relação com o ambiente, prescindindo da relação com as outras pessoas e com Deus. Seria um individualismo romântico disfarçado de beleza ecológica e um confinamento asfíxiante na imanência. (LS, 119)

↳ Como olho e acolho os drogados, os deficientes e os refugiados?

A necessidade de debates sinceros e honestos

Embora esta contemplação da realidade em si mesma já nos indique a necessidade de uma mudança de rumo e sugira algumas ações, procuremos agora delinear grandes percursos de diálogo que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição onde nos estamos a afundar. (LS, 163)

O diálogo sobre o meio ambiente na política internacional (LS, 164-175)

O diálogo para as novas políticas nacionais e locais (LS, 176-181)

Diálogo e transparência nos processos decisórios (LS, 182-189)

Política e economia em diálogo para a plenitude humana (LS, 189-198)

As religiões no diálogo com as ciências (LS, 199-201)

A gravidade da crise ecológica obriga-nos, a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade, lembrando-nos sempre que “a realidade é superior à ideia”. (LS, 201)

↳ Também eu estou aberto ao diálogo sobre a maneira como me relaciono com todas coisas?

A grave responsabilidade da política internacional e local

Como afirmou Bento XVI, na linha desenvolvida até agora pela doutrina social da Igreja, “para o governo da economia mundial, para sanar as economias atingidas pela crise de modo a prevenir o agravamento da mesma e consequentes maiores desequilíbrios, para realizar um oportuno e integral desarmamento, a segurança alimentar e a paz, para garantir a salvaguarda do ambiente e para regulamentar os fluxos migratórios urge a presença de uma verdadeira Autoridade política mundial [...]”. (LS, 175)

[...] enquanto a ordem mundial existente se revela impotente para assumir responsabilidades, a instância local pode fazer a diferença. Com efeito, aqui é possível gerar uma maior responsabilidade, um forte sentido de comunidade, uma especial capacidade de solicitude e uma criatividade mais generosa, um amor apaixonada pela própria terra, tal como se pensa naquilo que se deixa aos filhos e netos. (LS, 179)

↪ Sinto-me comprometido com os meus deveres cívicos também no respeito e salvaguarda da nossa casa comum?

A cultura do descarte

Devemos considerar também a poluição produzida pelos resíduos, incluindo os perigosos, presentes em vários ambientes. Produzem-se anualmente centenas de milhões de toneladas de resíduos, muitos deles não biodegradáveis: resíduos domésticos e comerciais, detritos de demolições, resíduos clínicos, eletrónicos e industriais, resíduos altamente tóxicos e radioativos. A Terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo. (LS, 21)

Estes problemas estão intimamente ligados à cultura do descarte, que afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo. [...] Ainda não se conseguiu adotar um modelo circular de produção que assegure recursos para todos e para as gerações futuras, e que exige limitar, o mais possível, o uso de recursos não renováveis, moderando o seu consumo, e maximizando a eficiência no seu aproveitamento, reutilizando e reciclando-os. (LS, 22)

↪ Posso diminuir o lixo que produzo?

A proposta de um novo estilo de vida

Dado que o mercado tende a criar um mecanismo consumista compulsivo para vender os seus produtos, as pessoas acabam por ser arrastadas pelo

turbilhão das compras e gastos supérfluos. O consumismo obsessivo é o reflexo subjetivo do paradigma tecno-económico. (LS, 203)

A consciência da gravidade da crise cultural e ecológica precisa de traduzir-se em novos hábitos. Muitos estão cientes de que não basta o progresso atual e a mera acumulação de objetos ou prazeres para dar sentido e alegria ao coração humano, mas não se sentem capazes de renunciar àquilo que o mercado lhes oferece. (LS, 209)

Uma mudança de estilos de vida poderia chegar a exercer uma pressão salutar sobre quantos detêm o poder político, económico e social. Verifica-se isto quando os movimentos dos consumidores conseguem que se deixe de adquirir determinados produtos [...]. Isto lembra-nos a responsabilidade social dos consumidores. “Comprar é sempre um ato moral, para além de económico.” Por isso, hoje, “o tema da degradação ambiental põe em questão os comportamentos de cada um de nós”. (LS, 206)

A educação ambiental [...] tende também a recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior, consigo mesmo, o solidário, com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual, com Deus. A educação ambiental deveria predispor-nos para dar este salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo. (LS, 210)

É muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas, até dar forma a um estilo de vida. A educação para a responsabilidade ambiental pode incentivar vários comportamentos que têm incidência direta e importante no cuidado do meio ambiente, tais como evitar o uso de plástico e de papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias... Tudo isto faz parte de uma criatividade generosa e dignificante, que põe a descoberto o melhor do ser humano. (LS, 211)

E não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo. Estas ações espalham, na sociedade um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar [...]. Além disso, o exercício destes comportamentos restitui-nos o sentimento da nossa dignidade, leva-nos a uma maior profundidade existencial, permite-nos experimentar que vale a pena a nossa passagem por este mundo. (LS, 212)

↳ Estou comprometido em viver num novo estilo de vida menos consumista?

As citações são sempre da Laudato si'. A sistematização foi feita por José Carlos Belchior, S.J.